

O CAMINHO PASCAL DE MARIA

Frei Davi Maria Santos, O.Carm¹

Introdução

Em nossos dias podemos nos perguntar se a mariologia tem ainda algo a dizer-nos, a comunicar-nos enquanto comunidade fé. E a resposta é simples. Sim. A mariologia em nossos dias permanece atual e muito pode nos falar enquanto Igreja, corpo místico de Cristo. Refletir sobre Maria e sua união com o Filho é um caminho de formação que muito pode nos ajudar. A mariologia é como uma fonte abundante que desde os Padres até os nossos dias continua transbordando na Igreja e conduzindo ao Senhor aqueles que desta fonte se aproximam.

Como educadora da nova comunidade, Maria, além de ensinar o Filho, com Ele aprende também. E é justamente desta dupla via de ensino que a Igreja olha para Maria e nela encontra um modelo seguro para seguir, certo de que chegará em Jesus Cristo. Ter Maria como educadora é inicialmente, deixar-se formar por quem nos precedeu no discipulado ao Senhor. Como em Caná, ela sempre nos aponta os caminhos que conduzem ao Senhor. E ainda hoje nos repete continuamente, “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2, 5).

Por ter Maria sempre feito a vontade do Senhor, é que ela é também nossa irmã na fé. Nela, a peregrinação pela fé se estendeu durante toda a sua vida terrena. Nos Evangelhos vemos que ela custodiava no coração todos os fatos que diziam a respeito do seu Filho e neste sentido, deixou que a fé iluminasse sua vida. Nem tudo foi fácil para Maria, nem tudo ela compreendeu de maneira clara, como nós hoje compreendemos melhor algumas verdades de fé, entretanto, Maria acreditou e isso lhe bastava. Talvez o verbo acreditar para Maria possuisse o mesmo sentido que lançar-se, entregar a vida. Por isso ela nunca voltou atrás em sua abertura ao Espírito, porque na Anunciação de uma vez por todas, Maria, lança-se inteiramente no Pai.

Assim, todo o peregrinar de Maria é um constante caminho pascal. Caminho esse que é feito pela escuta e abertura ao Pai. É impossível encontrar-se verdadeiramente com Maria sem também se encontrar com Jesus Cristo. Sem Cristo não temos Maria. É n'Ele, que toda a

¹ Natural do Ceará. Frade professo na Ordem dos Carmelitas desde 2017. Membro da Província Carmelitana Pernambucana. Licenciado em Filosofia pela FAFICA de Caruaru. Graduado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Membro da Associação dos Liturgistas do Brasil, do Instituto de Espiritualidade Tito Brandsma e da Academia Marial de Aparecida. Email: freidavio.carm@gmail.com

mariologia da Igreja se fundamenta e possui sentido. É pelo Senhor, que o caminho de Maria se torna uma jornada pascal.

1- Maria, educadora da nova comunidade

A educação e o discipulado podem ser interpretados a partir do mesmo viés, ou seja, da formação. Na vida espiritual, a educação é o melhor modo de se formar aqueles que sendo batizados desejam crescer no discipulado. E o discipulado é como um caminho de alto educação que trata de nos formar interiormente na liberdade para a disponibilidade ao Senhor.

Maria, é a educadora da nova comunidade dos discípulos pelo fato de que primeiro se deixou ser formada e educada pelo Filho Jesus Cristo. No lar de Nazaré podemos contemplar esse duplo discipulado. Ora Maria e José educam a Jesus, ora Jesus educa Maria e José. Maria, se torna educadora da comunidade do seu Filho pelo fato de ser discípula que guardando no coração as coisas, fatos e acontecimentos referentes ao Senhor, põe em prática tudo que pela fé vivia. Este ser educadora nasce primordialmente do encontro com Jesus, de tal maneira que, em Maria a maternidade e o discipulado acabam se misturando mutuamente sem que haja prejuízo nem para o ser Mãe e nem para o ser discípula do Filho.

Maria se torna Mãe do Senhor quando livremente escolhe dizer seu *fiat* a Deus. O sim de Maria inaugura um novo advento na história. Naquele sim e na Encarnação do Verbo do Pai, realizasse novamente o encontro de Deus com o homem, agora de maneira nova e não simplesmente pelas alianças do Antigo Testamento. Por isso, se o Criador, no princípio do mundo colocou sua criatura num jardim para conviver com Ele, foi também a partir de um outro “jardim”, o do ventre de Maria, que seu Filho unigênito realiza na história humana o início da reconciliação que passará pela cruz e culminará na Ressurreição.

De que Maria é Mãe do Senhor não podemos duvidar, desta maneira o anjo a chama e está atestado nas Sagrada Escrituras. A própria Isabel também declara: “onde me vem que a Mãe do meu Senhor me visite?” (Lc 1, 43). Para fundamentar o discipulado de Maria ao Filho é necessário também olhá-la a partir dos relatos evangélicos.

É o evangelista Lucas quem registra por duas vezes que Maria tudo conservava no coração. Ou seja, no lugar íntimo. No capítulo 2 deste evangelista encontramos dois versículos que nos testificam: v: 19, “Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração”. Neste versículo, Lucas alude à visita dos reis magos ao recém-nascido em Belém. E o segundo versículo: “sua mãe, porém, conservava a

lembança de todos esses fatos em seu coração” (v: 51). O último versículo é o registro de Lucas sobre o encontro da Virgem Maria e José com Jesus depois de três dias no templo. Assim, “Lucas nos apresenta Maria como uma mulher muito dinâmica em seu interior: ela olha, reflete, assimila; assim ela aprende a ser uma Mulher de fé, uma filha de Sião, que se alimenta da Sabedoria” (Menichelli, 1992, p. 42).

Um outro fato que podemos recolher nos Evangelhos, é que João situa a missão do Senhor entre duas cenas marianas. Caná e a crucifixão. Em Caná², Maria, Jesus e os discípulos se fazem presentes numa festa de casamento e quando o vinho vem a faltar, Maria, entra em cena, pede ao Filho que faça algo e educa aos serventes para que façam o que Ele disser. Maria, comprehende que como educadora sua missão é apontar o Filho. Na crucifixão³, Maria é a mãe do silêncio e da fé inabalável. Nada diz e tudo suporta na crença de que a morte não era o fim.

A respeito ainda das duas passagens anteriores segundo João, podemos constatar que seja em Caná ou no calvário “a dimensão mariológica concentra-se inteiramente no título dado por Jesus à sua Mãe, Mulher”, afirma Menichelli (1992, p. 44). Maria, é então reconhecida como a Mulher que vive seu discipulado a partir de três dimensões de sua feminilidade: virgem, esposa e mãe.

Foi necessário trazer à lembrança estas passagens pelo fato de que, Maria é nossa educadora na fé pascal, porque antes foi discípula do Senhor. Logo, todos aqueles que desejam ser discípulos do Senhor e formados por Maria, necessitam da mais profunda intimidade com a Palavra do Senhor. Não é possível de forma alguma crescer no discipulado desprezando ou relegando ao esquecimento o Evangelho. Sobre isso, São Jerônimo já nos chamou a atenção quando disse que o desprezo pela Sagrada Escritura é também desprezo pelo Senhor.

Depois da Ressurreição e Ascenção do Senhor não encontramos menção da presença de Maria, tal como anteriormente. Entretanto, de maneira afetuosa pensamos na convivência de Maria com os apóstolos, em especial com o discípulo amado, que a recebeu em sua casa⁴. A presença de Maria entre eles trata de lhes imprimir aquela marca própria da relação materna, ou seja, da intimidade. Maria, muito provavelmente, deve ter relembrado⁵ a comunidade alguns

² Cf: Jo 2, 1-11.

³ Cf: Jo 19, 25 ss.

⁴ Cf: Jo 19, 27.

⁵ Cf: Gechter, 1959, p. 104.

fatos do Senhor e lhes revelado outros que apenas ela e José deviam saber. Assim sua presença é antes de tudo mistagógica⁶, ou seja, ela lhes aponta o Mistério da Ressurreição.

Uma outra característica marcante da presença de Maria na comunidade apostólica depois da Ascenção do Senhor é o fato de que agora Maria não apenas era a Mãe do Senhor, mas também da comunidade⁷. Podemos dizer que a maternidade de Maria se amplia, não que fosse reduzida, mas agora, a partir da Ressurreição ela adquire um caráter eclesial. Desta maneira, Maria é a educadora da comunidade de fé dos seguidores de seu Filho.

2- Maria, nossa irmã na fé

Na vida cristã, a fé e a escuta da Palavra do Senhor caminham juntas. A experiência cristã da fé necessita do exercício da escuta de Deus. É um duplo movimento que gera uma reação: Deus fala, o homem acolhe e acolhendo deve viver. Maria, que foi formada na escola da escuta do Antigo Israel sabe muito bem o que significa este verbo. Para a escuta ser verdadeira se faz preciso guardar o que se ouve no coração, ou seja, no lugar sagrado. É precisamente no coração o local onde Maria guarda a Palavra de seu Filho, para a partir de seu interior, vivê-la.

Maria, além de nossa Mãe é também irmã na fé, isso acontece porque ouvindo ela a Palavra do Senhor, procurou viver sendo inteiramente disponível a ação desta mesma Palavra, não apenas no momento de seu *fiat*, mas durante toda a sua existência terrena. É ela mesmo que diz de si “eis aqui a serva do Senhor” (Lc 1, 30), e com isso não apenas momentaneamente reconhece a sua pequenez, mas durante toda a sua vida se faz pequena e pobre, deixando com que seja Deus o bem maior de sua vida. Ernesto Menichelli afirma que, “Maria viveu tudo isso e assim se tornou próxima de nós, companheira de viagem, conhecedora do nosso esforço de crentes, participante plena da nossa humanidade e da nossa condição de crentes” (1992, p. 35).

A escuta da Palavra a que Maria nos chama na vida cristã gera em nós a familiaridade com Jesus Cristo⁸. Este é o segredo de uma vida espiritual autêntica. Não basta conhecer ao Senhor apenas pela via intelectiva, embora muito nos ajude a fundamentar a fé, porém, sem íntima familiaridade com o Evangelho, onde o Senhor se revela, todo o resto acaba por ruir

⁶ Mistagogia é a arte de conduzir ao encontro. Esse termo nasce na Grécia antiga e estava relacionado as antigas religiões de culto mistérico. Nos séculos IV, V e VI foi muito usado pelos Padres da Igreja que correlacionavam o termo à vida litúrgica da Igreja.

⁷ Cf: Larrañaga, 2012, p. 26-27.

⁸ Cf: Menichelli, 1992, p. 37.

mais cedo ou mais tarde. Inclusive até mesmo a devoção mariana se não estiver fundamentada no Evangelho torna-se fraca, sem força e encanto nenhum⁹.

A fé mariana da Igreja fundamenta-se na comunhão de vida que Maria procurou sempre ter com seu Filho e com os desígnios salvíficos do Pai, a partir daí então é que é pensada e concebida pelos Padres, desenvolvida pelos medievais e apresentada pelo Magistério como caminho que leva a Jesus. Esta é também uma característica da espiritualidade mariana: a comunhão com o Pai a que Maria nos conduz. Maria é, afirma Stefano De Fiores, “inteiramente voltada para a formação dos filhos de Deus segundo o modelo do Filho por excelência. Ao abrir-se a Maria, dom materno supremo de Cristo Redentor, o cristão coloca-se no raio da ação do seu amor materno” (1992, p. 31) para melhor viver seu discipulado.

Contudo, como todo bom discípulo deve tomar a cruz e seguir ao Senhor, Maria também experienciou muito bem esta realidade em sua vida terrena. Dentre algumas passagens bíblicas marianas, podemos relembrar Lucas 1 e João 19. No capítulo 1 do Evangelho segundo Lucas, Maria concebe pela fé. Ou seja, ela acredita plenamente na palavra do anjo. Tudo se cumpriria porque quem estava realizando era o Espírito Santo. Isabel, também exalta sua fé, quando diz, “feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1, 45). Já em João 19, no Evangelho da crucificação do Senhor, Maria, no momento crucial da morte do Filho, é para todos os batizados um modelo perfeito e acabado de fé. Ao pé da cruz, Maria nada fala, apenas crê e em silêncio obsequioso e pascal se unindo-se à cruz do Filho, espera o cumprimento de sua Palavra. Por isso,

N’ela a imagem da cruz se cumpre inteiramente, porque é a cruz assumida, a cruz partilhada no amor que nos permite, na sua compaixão maternal, experimentar a compaixão de Deus. Assim, a dor da Mãe é dor pascal que já opera a abertura da transformação da morte à presença salvífica do amor (Ratzinger; Von Balthasar, 1980, p. 77).

Por ser Maria, nossa irmã na caminhada de fé, torna-se ela ainda mais exemplo de humildade, mansidão, pobreza evangélica, oração, obediência, escuta e castidade, entre outros dons, pelo que “refulge como modelo de virtudes para toda a comunidade dos eleitos” (*Lumen Gentium*, n. 64). Tudo isso em Maria se encontra ancorado a partir do Filho Jesus Cristo. Em Maria, nenhuma virtude existe a partir do nada ou do abstrato. Tudo o que n’ela há, nasce de sua intimidade e disponibilidade à Trindade. E por causa disso, nos relembra a *Lumen Gentium*,

⁹ Cf: Calabuig, 1988, p. 264.

que Maria, “é saudada como o membro supereminente e absolutamente singular da Igreja, como seu perfeitíssimo tipo e modelo na fé e na caridade” (n. 53).

Assim, a fé a que Maria nos conduz e nos forma como discípulos do Senhor é a mesma fé eclesial, que nasce no batismo quando nos tornamos sacerdotes, reis e profetas em Cristo Jesus, que se desenvolve na caminhada do dia a dia e a cada Liturgia e vivência bastimal vai ganhando maturidade, crescendo espiritualmente e produzindo frutos. Isso é possível acontecer porque esta fé de que Maria é nossa irmã e modelo é a fé cristológica da Igreja. Quando a Igreja contempla Maria, imediatamente percebe a ação divina do Senhor em sua maternal prece, deste modo “olhamos para Maria como para o modelo do orante; louvamo-la, glorificando n’ela a obra do Altíssimo; com ela oramos, recintando, por exemplo, o seu Magnificat; a ela recorremos, em atitude de confiança em sua intercessão materna” (Forte, 1991, p. 115-116).

Portanto, todos aqueles que professam a devoção e o amor para com a Virgem Maria, devem, antes de tudo, procurar assemelhar suas vidas e atitudes com as d’ela¹⁰. Toda devoção à Mãe de Deus que não se traduz em forma de viver, isto é, estar inteiramente voltados para Jesus Cristo e viver por seu obséquio¹¹, torna-se fraca e não se sustenta. Isso porque o objeto da fé mariana da Igreja é sempre a vida cristológica e ninguém melhor que Maria pode tão bem nos orientar nesta via.

3- O caminho Pascal de Maria

Toda a existência terrena de Maria foi um peregrinar constante. Quem peregrina percorre um caminho, entretanto, sem uma razão pela qual se deve caminhar talvez os passos fiquem mais pesados e difíceis. A razão dos passos e do peregrinar de Maria foi unicamente Jesus Cristo, seu Filho. Por isso, é que Maria é educadora da comunidade dos batizados e irmã na fé daqueles que seguem ao Senhor porque fez d’Ele o fundamento de sua vida. É justamente por essa razão que o caminho percorrido por Maria é antes de tudo um caminho pascal, que durante sua vida foi sendo descoberto e que hoje percebemos de maneira mais clara os sinais do Ressuscitado em sua vida e missão na comunidade apostólica.

Percorrer um caminho a partir da ótica da Páscoa, é antes de tudo deixar-se guiar e formar por Aquele que nos primeireia nesta via. O caminho pascal, não apenas de Maria, mas

¹⁰ Cf: Miguel de Santo Agostinho, 1994, p. 27.

¹¹ Cf: Regra do Carmo, n. 2.

também de toda a Igreja é sempre um contínuo abrir-se a ação do Senhor que se revela constantemente a nós. Quem experienciou a Páscoa, como Maria, não pode viver da mesma forma, deve ser sempre alguém que conduz a outros a seguirem o mesmo caminho.

O caminho pascal de Maria aconteceu pelo fato de que ela não apenas acolheu a Palavra, como permitiu que florescesse e produzisse frutos em sua existência. Diferentemente de nós, Maria viveu antes e depois do evento pascal, isto é, da crucificação e Ressurreição do Senhor. Pela obediência à Palavra e disponibilidade ao Espírito de Deus, em toda a sua vida podemos contemplar sinais de Ressurreição mesmo antes do Senhor ter vencido a morte.

A jornada pascal de Maria foi também uma espera fiel pela Ressurreição do Senhor. Provavelmente Maria não sabia como aconteceria, mas apenas, acredita e isso basta para superar a dor, a saudade e o desejo pelo terceiro dia. Como vimos anteriormente, Maria costumava guardar no coração as Palavras do Filho e os acontecimentos que o envolviam, neste sentido, podemos pensar de maneira afetuosa sobre os diversos fatos e circunstâncias da vida oculta de Nazaré de que apenas ela e José foram testemunhas. Podemos ainda crer que esses acontecimentos foram de descoberta e formação para ambos, tanto para o Senhor que vai tomado consciência de sua missão, como para Maria e José que testemunham esses fatos.

Podemos perceber que seu caminho se dá também pela escuta da Palavra e pela confiança no Filho. Da mesma forma é a nossa jornada espiritual. Sem a escuta da Palavra, a confiança e a docilidade ao Espírito não é possível nenhum caminho pascal. A escuta do Filho, ajudou a Maria no momento crucial da crucificação a se manter firme e confiante. Ernesto Menichelli, afirma que,

Maria certamente se lembrava da promessa da vitória final sobre a morte, e a expectativa do terceiro dia era para ela uma reafirmação da fé mais genuína dos pais [...]. É o terceiro dia em que ela mesma encontra seu Filho no templo depois de uma angústia mortal. A fé lhe diz que também chegará este terceiro dia da anunciada Ressurreição: e é o caminho pascal da fé de Maria (1992, p. 43).

Segundo Telesforo Cioli¹², Maria permanece a vida inteira ancorada nas palavras do Senhor. E é precisamente a partir dessa sua atitude que Maria se torna ícone e modelo de uma esperança realizada para Igreja¹³, tal como diz Bruno Forte. A “*via Mariae*”¹⁴, que se inicia na

¹² Cf: Cioli, 1993, p. 36.

¹³ Cf: Forte, 1991, p. 232.

¹⁴ *Ibidem*, p. 231.

anunciação, passando por Caná e se estende do Calvário para esperar a Páscoa e que em Pentecostes se encontra exultante é todo o caminho Pascal de Maria.

Em vista disso, tal o caminho é também o nosso, visto que ela é nossa educadora e irmã na fé. Essa peregrinação de transformação não acontecerá conosco da noite para o dia, como dizemos popularmente, e sim por meio de uma conversão sincera e diária. Não é um passe de mágica, mas antes uma abertura dócil ao Espírito Santo que se revela continuamente à Igreja. O caminho pascal de Maria passa necessariamente pelo abraço da cruz e segue para a comunhão com o Ressuscitado, pois foi para isso que nascemos e peregrinamos na esperança eclesial.

Conclusão

Iniciávamos nosso caminho de reflexão nos perguntando se a mariologia possui ainda algo a ser comunicado e no decorrer do texto podemos ver que sim. A mariologia comunica sempre a Jesus Cristo. Essa é a beleza da reflexão mariana. Maria, não pode ser separada jamais dos Mistérios do Senhor não apenas porque os conhece como testemunha ocular e porque está unida eternamente ao Mistério da Anunciação, mas também, pelo fato de que separá-la do Senhor é empobrecer e deturpar completamente sua vida e missão de Mãe e discípula do Filho.

Se deixar formar por Maria, é sempre reviver o Evangelho de Caná. Isto é, aprender com a Mãe a estar atento aos sinais dos tempos e circunstâncias para sempre fazer o que o Mestre pedir. É neste sentido, que ela se torna nossa educadora, nos ensinando sempre a perceber os fatos para encontrar ao Senhor que nos fala.

Podemos também nós, como Maria, percorrer e fazer do nosso, um caminho pascal, basta-nos simplesmente que nos abramos a escuta dócil e amorosa do Senhor para sempre, apesar de nossas fraquezas e limitações, viver o que Ele pede. Transformar a vida numa jornada pascal é fazer a opção de caminhar com o Ressuscitado, tal como Maria caminhou, e a partir d'Ele viver. A aventura deste caminho permanece sempre aberta. Assim, quanto mais nos abrirmos ao Senhor, mas sejamos verdadeiros devotos de Maria. Cabe a nós, fazer de nossa vida uma existência pascal, como Maria e os outros fizeram.

Referências

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CALABUIG, Ignacio Maria, OSM. Il culto di Maria in Oriente e in Occidente. In: Pontificio Instituto Liturgico Sant'Anselmo (ed). *Scientia Liturgica*, V, Casale Monferrato: PIEMME, 1988, p. 264.

CIOLI, Telesforo Giovanni. La madonna del Carmine. Teologia, storia e attualità della devozione. Roma: Tipografia leberit, 1993.

Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: Santa Sé. *Concílio Ecumênico Vaticano II - Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 77-168.

DE FIORES, Stefano. Nuovi orientamenti della mariologia oggi. In: Fraternità carmelitana di Pozzo di Gotto (org). *Maria icona della tenerezza del Padre. La spiritualità mariana nell'esperienza del Carmelo*. Palermo: Edizioni augustinus, 1992, p. 23-34.

FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do Mistério*. Ensaio de mariologia simbólico-narrativa. São Paulo: Paulinas, 1991.

GECHTER, Paul. *Maria en el Evangelio*. Bilbao, 1959.

LARRAÑAGA, Inácio. *O silêncio de Maria*. São Paulo: Paulinas, 2012.

MENICHELLI, Ernesto, OSB Cam. Maria, sorella nella fede. Indicazione bibliche. In: Fraternità carmelitana di Pozzo di Gotto (org). *Maria icona della tenerezza del Padre. La spiritualità mariana nell'esperienza del Carmelo*. Palermo: Edizioni augustinus, 1992, p. 35-46.

Miguel de Santo Agostinho. *Tratado de vida mariana*. Trad: Frei Tinus Van Balen, O.Carm. Curitiba, PR: editora do Carmo, 1994.

RATZINGER, Cardeal Joseph. VON BALTHASAR, Hans Urs. *Maria Primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1980.

Regra do Carmo. In: *Constituições da Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo*. Braga: Empresa do diário do Minho, 2019, p. 23.